



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Relação entre as atitudes perante os papéis de género, o
sexismo ambivalente e a felicidade na população adulta
portuguesa

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Letícia Diana da Costa Oliveira

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

DEZEMBRO 2023



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Relação entre as atitudes perante os papéis de género, o sexismo ambivalente e a felicidade na população adulta portuguesa

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde.**

Letícia Diana da Costa Oliveira

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Armanda Paula
Cunha Gonçalves**

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente à Professora Doutora Armanda Paula Cunha Gonçalves, minha orientadora académica, pelo profissionalismo e vasto conhecimento partilhado comigo e com todos os seus discentes, pela dedicação e compreensão demonstrada em todas as fases e pelas críticas construtivas apontadas neste percurso, pois sem a sua orientação, a concretização do mesmo não seria possível.

Gostaria de agradecer ao meu irmão, por todo o esforço e dedicação que demonstrou ao longo de todo o meu percurso, para que assim fosse possível me proporcionar todas as oportunidades de educação, formação e realização pessoal e profissional. Aos meus pais e à minha irmã que me incentivaram e apoiaram durante todo o processo e me encorajaram a seguir o meu instinto e fazer o que eu achava que era correto.

Agradeço aos meus amores de quatro patas, por serem a minha maior companhia durante todo o trabalho e por toda a alegria que trazem para a minha vida.

Por fim, gostava ainda de agradecer imensamente ao meu namorado por ser o meu maior pilar neste processo, por sempre estar presente, por todo o apoio incondicional, por acreditar sempre que seria capaz e por nunca ter deixado de me apoiar na concretização deste percurso académico.

Resumo

Nos dias atuais ainda existem desigualdades fundamentais entre mulheres e homens na política, na saúde, no trabalho e na vida pessoal. A percepção destas desigualdades relacionadas com a felicidade têm sido foco de investigação devido à maior atenção e relevo que estes temas têm obtido nos últimos tempos. Pouco se sabe sobre as consequências do confronto entre sexismo e a felicidade das mulheres. Embora o mundo se tenha tornado mais igualitário em termos de género, as relações desiguais de género e a divisão do trabalho ainda persistem em muitas sociedades. Assim sendo, o presente estudo tem como principal objetivo analisar a relação entre as atitudes perante os papéis de género, o sexismo ambivalente e a felicidade, na população portuguesa adulta. Foi utilizada uma abordagem metodológica quantitativa de natureza descritivo-correlacional e foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário Sociodemográfico, Escala de Felicidade Subjetiva, Escala de Atitudes Pacíficas relativamente ao Género e o Inventário de Sexismo Ambivalente. A amostra foi constituída por 244 adultos de nacionalidade portuguesa com idades entre os 18 anos e 64 anos, tendo uma média de idades de 28.1 (DP=8.1), na generalidade solteiros (77.9%), no que toca à escolaridade, a maioria tem o ensino secundário (78.3%) e a maioria dos participantes é do sexo feminino (79.1%). Nos resultados verificou-se uma correlação estatisticamente significativa entre a Felicidade Subjetiva e o Sexismo Hostil ($r = .172, p = .007$), indicando que níveis mais elevados de Felicidade Subjetiva estão relacionados a atitudes mais hostis em relação ao género. Existe uma correlação estatisticamente significativa positiva entre a Felicidade subjetiva e o género da população adulta portuguesa ($r = .152, p = .017$) ou seja, os homens tendem a relatar níveis mais altos de felicidade subjetiva em comparação com as mulheres. Ademais, encontrou-se também uma correlação estatisticamente significativa negativa entre o género e a Divisão Tradicional ($r = -.260, p < .001$) indicando que os participantes do género feminino tendem a ter atitudes mais tradicionais em relação aos papéis de género do que os participantes do género masculino. Estes resultados destacam a importância de perceber o que está associado à persistência de atitudes sexistas e destaca a necessidade contínua de educação e sensibilização sobre as questões de género.

Palavras-chave: género, papéis de género, sexismo ambivalente, felicidade.

Abstract

Nowadays, there are still fundamental inequalities between women and men in politics, health, work and personal life. The perception of these inequalities related to happiness has been the focus of research due to the greater attention and importance that these topics have received in recent times. Little is known about the consequences of the confrontation between sexism and women's happiness. Although the world has become more gender equal, unequal gender relations and the division of labor still persist in many societies. Therefore, the main objective of this study is to analyze the relationship between attitudes towards gender roles, ambivalent sexism and happiness in the adult Portuguese population. A quantitative methodological approach of a descriptive-correlational nature was used and the following instruments were used: Sociodemographic Questionnaire, Subjective Happiness Scale, Pacific Attitudes Scale towards Gender and the Ambivalent Sexism Inventory. The sample consisted of 244 adults of Portuguese nationality aged between 18 and 64, with an average age of 28.1 (SD=8.1), mostly single (77.9%), with regard to education, the majority have secondary education (78.3%) and the majority of participants are female (79.1%). The results revealed a statistically significant correlation between Subjective Happiness and Hostile Sexism ($r = .172$, $p = .007$), indicating that higher levels of Subjective Happiness are related to more hostile attitudes towards gender. There is a statistically significant positive correlation between Subjective Happiness and gender in the Portuguese adult population ($r = .152$, $p = .017$), that is, men tend to report higher levels of subjective happiness compared to women. Furthermore, a statistically significant negative correlation was also found between gender and Traditional Division ($r = -.260$, $p < .001$) indicating that female participants tend to have more traditional attitudes towards gender roles than male participants. These results highlight the importance of understanding what is associated with the persistence of sexist attitudes and highlight the continued need for education and awareness on gender issues.

Keywords: gender, gender roles, ambivalent sexism, happiness.

Índice

Agradecimentos	3
Resumo.....	4
Abstract.....	5
1. Introdução.....	7
2. Atitude perante os papéis de género.....	8
3. Sexismo ambivalente.....	13
4. Felicidade.....	15
5. 5.Relação entre Atitudes perante os papéis de género, sexismo ambivalente e felicidade.....	17
6. Metodologia.....	18
6.1. Modelo conceptual.....	18
6.2. Objetivos do estudo.....	18
6.3. Questões de investigação.....	18
6.4. Plano de estudo.....	19
6.5. Descrição da amostra.....	19
6.6. Instrumentos.....	21
6.6.1. Questionário sociodemográfico.....	21
6.6.2. Escala de atitudes pacificas relativamente ao género.....	21
6.6.3. Inventário de sexismo ambivalente.....	22
6.6.4. Escala de felicidade subjetiva.....	23
6.7. Procedimentos de recolha e análise dos dados.....	25
7. Resultados.....	26
7.1. Análise das médias e desvio padrão das atitudes pacificas relativamente ao género, do sexismo ambivalente e da felicidade subjetiva.....	27
7.2. Análise da relação entre as atitudes pacificas relativamente ao género, do sexismo ambivalente e da felicidade subjetiva.....	28
7.3. Análise da relação dos dados sociodemográficos e as atitudes pacificas relativamente ao género, do sexismo ambivalente e da felicidade subjetiva.....	29
8. Discussão.....	31
9. Conclusão.....	33

Referências Bibliográficas.....	37
Anexos.....	47

Índice de Anexos

Anexo A - Questionário sócio-demográfico	48
Anexo B - Consentimento informado.....	50

1. Introdução

O contexto atual português tem sido caracterizado por uma preocupação com uma efetiva igualdade de oportunidades entre mulheres e homens. Nas últimas décadas, a sociedade portuguesa sofreu profundas transformações, tanto a nível político como social, económico e cultural. No entanto, as desigualdades, neste caso de género, permanecem, e torna-se necessário perceber se tanto estas desigualdades, como a perceção dos papéis de género e a perceção de sexismo ambivalente, afetam a felicidade das mulheres e dos homens portugueses.

A Teoria do Sexismo Ambivalente foi apresentada por Glick e Fiske (1996), e surge no campo da Psicologia Social, a partir da perceção de que as pessoas têm mais facilidade em justificar preconceitos quando partilham algumas crenças positivas sobre outro grupo (Glick & Fiske, 2011). É possível verificar que a literatura recente começa a prestar atenção ao papel desempenhado pelas atitudes em relação aos géneros, considerando se o apoio de estereótipos de género pode afetar a satisfação com a vida. Entende-se como sexismo ambivalente um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e das atitudes, acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo (Formiga et al, 2002).

Os papéis de género são comportamentos associados, tipicamente, a mulheres ou homens, enquanto “estereótipo de género” referindo-se às crenças associadas às características e personalidades apropriadas a homens e mulheres (Brannon, 2005). Os papéis sociais baseados no género e na socialização de género afetam significativamente a saúde mental dos indivíduos (Rosenfield et al., 2000).

Apesar de não existir um consenso na bibliografia sobre a felicidade, esta é muitas vezes definida como um sentimento ou estado de satisfação que reside internamente dentro do indivíduo (Uchida & Oishi, 2016). O sentimento de felicidade tem sido considerado como um dos melhores e mais utilizados indicadores de bem-estar (Lima et al., 2012). Existe pouca bibliografia sobre as consequências do confronto entre sexismo e o bem-estar, ou seja, a felicidade das mulheres. Um estudo realizado por Estevan-Reina e colaboradores (2021) afirma que o confronto pela igualdade e o realce dos papéis de género tem efeitos positivos no bem-estar resultando no aumento dos níveis de felicidade das mulheres.

Devido à relevância do tema e do pouco conhecimento sobre o sexismo e a perceção dos papéis de género na felicidade nos adultos portugueses, o presente estudo tem como

principal finalidade contribuir para o conhecimento da forma como os papéis de género, o sexismo ambivalente e a felicidade se relacionam.

Nos capítulos que se seguem, serão apresentadas as definições de atitudes perante os papéis de género, de sexismo ambivalente, de felicidade e como os três construtos se relacionam. Posteriormente, será descrito o estudo realizado, nomeadamente o problema, os objetivos e as questões de investigação, bem como o desenho e o tipo de pesquisa e a amostra. Também serão caracterizados os instrumentos utilizados para a recolha de dados. Seguidamente serão apresentados os resultados alcançados, a discussão dos resultados e as conclusões finais.

2. Atitudes perante os papéis de género

As atitudes perante os papéis de género são um conceito complexo e multidimensional que evoluiu ao longo do tempo (Rice & Barth, 2017) e atravessa pelo menos dois domínios diferentes: o equilíbrio de poder entre mulheres e homens, ou seja, igualdade e desigualdade, e o local/espço onde esses papéis se manifestam, ou seja, privado ou público (Casella, & Pampaka, 2020). As diferenças entre homens e mulheres na esfera pública, em termos de participação das mulheres na política, na economia, e na vida privada, nomeadamente nas suas casas, têm sido correlacionadas com as perceções das pessoas sobre os papéis de género (Walter, 2018). Tais atitudes são definidas por Bergh, (2006) como crenças sobre como deveriam ser as relações de género na sociedade e se os indivíduos apoiam a norma de igualdade de género.

O termo “papel de género” refere-se a atividades ou comportamentos associados, tipicamente, a mulheres ou homens, enquanto “estereótipo de género” refere-se às crenças associadas às características e personalidades apropriadas a homens e mulheres (Brannon, 2005). Estes guiam o comportamento associado às pressões a nível pessoal e social e levam ao conformismo relativamente a estes (Wood & Eagly, 2012; Machado, 2016).

A reforma das normas básicas de género pode potencialmente produzir melhorias duradouras para as mulheres e para a sociedade (Zhang, 2019), portanto, entender os fatores que podem moldar as atitudes de papéis de género dos indivíduos tem importantes implicações políticas (Du, et al., 2021). Apesar da maioria dos estudos sobre normas sociais examinar as atitudes dos papéis de género, nos resultados sociais e económicos, poucos estudos concentram-se na formação dessas atitudes.

Alguns estudos enfatizam as profundas raízes históricas das normas de género, demonstrando que as atitudes do papel de género estão associadas à religiosidade (Giuliano, 2017), à história agrícola e ao ambiente agrícola enfrentado pelas primeiras comunidades agrícolas estabelecidas (Hansen et al. 2015). Outra linha de pesquisa enfoca os determinantes de curto prazo das atitudes do papel de género. Muitos acreditam que as atitudes de género são amplamente determinadas no início da infância e a família é a principal influência no desenvolvimento do papel de género durante os primeiros anos de vida (Du, et al., 2021). Vários estudos documentaram também a transmissão intergeracional das atitudes em relação aos papéis de género (Chen e Ge 2018; Dhar et al. 2019).

Os papéis de género como expectativas descritivas aplicam-se a todas as mulheres e homens inseridos na sociedade (Wood & Eagly, 2012). Estas pressões surgem devido aos papéis de género serem crenças partilhadas e por os indivíduos, por vezes, os internalizarem como identidades de género. A distinção entre o que é esperado para os membros de cada sexo, por parte dos pais, começa antes da criança atingir uma idade em que possui capacidade de compreender a distinção biológica. Algumas das ações que revelam esta distinção, realizada por parte dos pais, acontece aquando da compra de brinquedos, quando diferem na atribuição de tarefas domésticas e na valorização de comportamentos sociais e diferença no esclarecimento de dúvidas concernentes à sexualidade (Anderson & White, 2018).

As pessoas inferem os traços característicos a homens e mulheres através da observação dos seus comportamentos, considerando estes traços como intrínsecos a cada um dos sexos. Este processo inicia-se desde cedo e à medida que as crianças entram em contacto com mais agentes socializadores, criando amizades, ou através da *internet*. (Preece & Bullingham, 2022). Diamond (2020) observou que uma grande quantidade de crianças e adolescentes afirmam ter identidades ou expressões de género que diferem do seu género biológico ou da norma social e da atual cultura de género. Num estudo realizado em Portugal, Batista (2019) descobriu que, quanto mais acentuada a adesão ao papel de género, mais desfavorável se apresentam as atitudes perante a homossexualidade. Relativamente às diferenças encontradas entre os géneros, identificou-se que os homens tendem a apresentar atitudes conservadoras perante a homossexualidade em comparação com as mulheres, a nível de crenças e preconceitos, no entanto, as mulheres tendem a agir, tendo comportamentos depreciativos face à homossexualidade.

As atitudes perante o género têm muitas implicações em diferentes campos de pesquisa e funções da sociedade (Cascella, & Pampaka, 2020). Por exemplo, descobriu-se que tais atitudes afetam as decisões de contratação (Rice & Barth, 2017), as mulheres têm desvantagem no mercado de trabalho (Campa, et al., 2011) e essas atitudes também estão presentes na sub-representação feminina na política (Dilli, et al., 2019).

Lawson e colaboradores (2022) realizaram um estudo sobre a contratação de mulheres para cargos de liderança comparado com a redução nos estereótipos de género. Contratar mulheres para cargos de liderança ajuda a associar as mulheres a características críticas para o sucesso da liderança. As suas descobertas sugerem que mudar a linguagem organizacional por meio do aumento da representação feminina não é apenas um fim, mas também um meio para mudar sistematicamente os estereótipos de género insidiosos e superar a troca entre as mulheres serem percebidas como competentes ou simpáticas. Gomez e colaboradores (2016) salientam que, do ponto de vista qualitativo, a literatura sugere que as mulheres têm sido, e continuam a ser, sub-representadas e que existe uma necessidade de desenvolver políticas e estratégias, direcionadas para o aumento da participação, na tomada de decisões e na liderança.

As atitudes do papel de género também estão relacionadas com o bem-estar, bem como com os conflitos trabalho-família, características/estrutura e processos familiares, incluindo o casamento ou a divisão do trabalho doméstico (Farré e Vella, 2013; Aassve, et al., 2014; Walter, 2018), e também à qualidade conjugal percebida e/ou sofrimento psicológico (Sweeting, et al., 2014). Num estudo realizado em Nova Guiné, Kosec e colaboradores (2021) descobriram que os homens são mais propensos a apoiar as mulheres que desafiam os papéis normativos de género, porque isso significava o aumento do rendimento familiar, não porque eles apoiam a transformação do papel das mulheres na sociedade em geral. Vários estudos afirmam que as desigualdades de género estão relacionadas com os comportamentos associados os papéis de género e às pressões a nível pessoal e social (Machado, 2016).

Existe uma vasta quantidade de autores que consideram que a mulher é vítima de uma dupla jornada de trabalho pois concilia o trabalho profissional com o trabalho doméstico e familiar. Ahmad (2017) refere a dificuldade de conciliar a vida familiar e profissional e nota que as instituições universitárias não têm políticas favoráveis à família. Arenas (2017) defende que, apesar das normas que garantem a igualdade, a realidade demonstra que as mulheres não têm as mesmas oportunidades em comparação com os homens e que seria necessária uma corresponsabilização na aplicação de

medidas anti discriminatórias e na organização de planos contra a discriminação. Sublinha, ainda, que a emancipação da mulher fica em suspenso se não se resolver a desigualdade na vida privada. Os homens são geralmente considerados provedores de finanças domésticas e tomadores de decisão, enquanto as mulheres são responsáveis pelas tarefas domésticas, cuidados com as crianças, preparação de alimentos e outras tarefas de cuidado não remuneradas. (Picchioni et al., 2020).

Muitos estudos têm considerado que existem diferenças no espaço universitário. Cabrera (2019) afirma que as mulheres estão em desvantagem nas carreiras universitárias, sobretudo no que respeita à ocupação de posições profissionais mais elevadas. Flores e colaboradores (2017) afirmam que o espaço universitário foi concebido e organizado para o universo masculino, sobretudo nas áreas de ciências e engenharias, onde o espaço é fortemente masculinizado e patriarcal, estando a presença das mulheres dissimulada.

Existe uma vasta quantidade de autores que mencionam a diferença no acesso ao financiamento. Quando se trata de meios de subsistência equitativos, as mulheres enfrentam barreiras desproporcionais no acesso a inúmeras coisas, como por exemplo, a opções de financiamento e crédito em comparação com os homens (Adegbite & Machethe, 2020). Num estudo realizado por Kabir e colaboradores (2019) é possível verificar que em Bangladesh, a falta de acesso ao crédito é uma barreira significativa que as mulheres trabalhadoras enfrentaram, seguida pelas altas taxas de juros. Ghosh e Vinod (2017) descobriram que a educação e a discriminação salarial foram fatores explicativos na avaliação do acesso ao financiamento para famílias chefiadas por mulheres na Índia. Dawood e colaboradores (2019) declararam que direcionar os esforços de inclusão financeira para famílias chefiadas por mulheres diminui a probabilidade de a família experimentar pobreza absoluta na Indonésia.

3. Sexismo Ambivalente

Entende-se como sexismo ambivalente um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e das atitudes, sobre o papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo (Formiga et al, 2002). A Teoria do Sexismo Ambivalente propõe uma ambivalência nas manifestações sexistas relativamente às mulheres, envolvendo tanto crenças como atitudes abertamente discriminatórias, ao nível da necessidade de proteção, da idealização e de carácter afetivo (Ferreira et al., 2022).

Glick e Fiske (1996) propõem o sexismo em relação às mulheres como um construto multidimensional sinalizado por sentimentos ambivalentes, isto é, em vez de conceituá-lo como uma forma de preconceito que retrata unicamente hostilidade em relação às mulheres, os autores indicam o sexismo como um caso que retrata sentimentos ambivalentes, incluindo dois conjuntos de atitudes: hostis e benevolentes.

O sexismo hostil engloba crenças e atitudes abertamente discriminatórias, considerando as mulheres inferiores aos homens e expressando intolerância quanto ao papel feminino como figura de poder e decisão.

No entanto, o sexismo benevolente transmite uma visão de caráter protecionista, idealizador e afetivo, descrevendo a mulher como uma pessoa frágil, que necessita de atenção, mas que complementa o homem, o que fornece uma racionalização confortável para confiná-las a papéis domésticos e reforça a sua subordinação à figura masculina (Ferreira et al., 2022). Desta forma, as dimensões do sexismo ambivalente combinam concepções de falta de competência das mulheres, permitindo que os homens exerçam poder estrutural sobre elas com justificativas supostamente benevolentes que os possibilitam ver as suas ações como não aproveitadoras (Glick & Fiske, 2011).

Glick e colaboradores (2000) descobriram que comparando os sexos, as mulheres rejeitam o sexismo hostil, no entanto, apoiam o sexismo benevolente. Enquanto os homens tendem a adotar tanto o sexismo hostil como o benevolente. Os autores observaram que essa tendência se torna mais forte em culturas sexistas, onde as mulheres podem potencialmente precisar da proteção e idealização associadas ao sexismo benevolente para evitar a hostilidade. Em contraste, em sociedades igualitárias, as mulheres podem rejeitar o sexismo benevolente porque são menos dependentes dos homens e provavelmente não se irão debater com hostilidade sexista caso se recusassem a aderir aos papéis convencionais de género.

Schaffner e colaboradores (2018) sugerem que a educação está associada ao sexismo. Os indivíduos com níveis mais baixos de educação tendem a pontuar alto nas escalas de sexismo hostil e benevolente. Hellmer e colaboradores (2018) levantaram a hipótese de que esta associação poderia ser devido à exposição a discussões sobre sexismo e desigualdade de género em universidades e locais de trabalho que exigem ensino superior. No entanto, também poderia ser que indivíduos sexistas sejam menos propensos a ingressar na universidade.

Geus e colaboradores (2022) mostraram no seu estudo que mais da metade da população inglesa tem atitudes sexistas. Este sexismo está associado a valores autoritários, apoiando e votando em partidos conservadores nas eleições gerais de 2019.

Burns e Busso (2005) estabeleceram uma relação entre sexismo benevolente e a religião. Os autores justificam esta associação, devido à relação benevolente de maior poder dos homens em comparação com as mulheres em muitas religiões, como por exemplo, os fundamentalismos religiosos expressam o respeito a família e a criação dos filhos.

Num estudo realizado por Serrão e colaboradores (2011) com estudantes universitários em Portugal verificou-se que os participantes do sexo masculino tendem a concordar mais com os itens que descrevem uma posição sexista hostil e verifica-se que os participantes de direita/centro direita obtiveram notas médias mais elevadas do que participantes de esquerda/centro esquerda no sexismo ambivalente, foi também possível verificar estudantes mais velhos tendem a concordar mais com os itens que compõem o sexismo ambivalente.

4. Felicidade

Ao longo dos últimos anos, foram surgindo vários significados de felicidade. Diener e colaboradores (1998) afirmaram que a felicidade é um objetivo importante na vida. Analogamente, Hicks (1975) já havia observado que a felicidade é a riqueza das nações e, também, Anielski (2007) indica que a felicidade é a riqueza genuína. Dendena e colaboradores (2011) afirmam que a felicidade pode estar relacionada com elementos de experiência subjetiva em que se valoriza o otimismo, a esperança, a religiosidade, o trabalho, a família, as amizades e a saúde física, bem como o alcance dos objetivos individuais e a capacidade cognitiva do sujeito.

O estudo da felicidade, na área da psicologia, surgiu um campo chamado psicologia positiva, cujo principal objetivo é identificar comportamentos que contribuem para a felicidade. Isso inclui a promoção da saúde, a melhoria da qualidade de vida e a prevenção de distúrbios mentais, especialmente aqueles influenciados por fatores ambientais. A ideia por trás disso é que, ao entender e promover esses comportamentos, podemos aumentar a felicidade das pessoas (Evensen et al., 2019).

Apesar de não existir um consenso na bibliografia sobre a felicidade, uma das principais teorias de felicidade dos dias de hoje vem de Seligman (2002), chamada de teoria da felicidade autêntica. Nesta teoria, são postuladas três fontes de felicidade: a

felicidade como prazer, a felicidade como compromisso e a felicidade como significado. O prazer é definido como satisfação hedônica, caracterizada por maximizar a diversão e evitar o desconforto. O compromisso é amplamente baseado no conceito de fluxo de Csikszentmihalyi (1990), que se define como um estado de foco caracterizado pelo parar do tempo ao realizar uma tarefa que requer toda a capacidade do indivíduo. E por fim, o significado é definido como uma conexão com algo mais amplo que o “eu” (Behar, et al., 2021).

A felicidade como prazer foi identificada em estudos que visualizavam uma definição intuitiva de felicidade, como algo prazeroso. Um exemplo disso é McLean e colaboradores (2009), que pediram a uma amostragem de adeptos de futebol que assistissem a um jogo numa máquina de ressonância magnética. A atividade cerebral foi avaliada imediatamente após marcar o gol e foi verificado um aumento da atividade neuronal responsável pelo prazer.

A felicidade como compromisso foi identificada em estudos que pediram aos participantes que se concentrassem numa tarefa que não fosse necessariamente prazerosa de imediato. Um exemplo disso é Gawda e colaboradores (2017), que pediram aos participantes que listassem palavras positivas. A tarefa não é imediatamente divertida ou significativa, e após o esgotamento do vocabulário inicial tornava-se desafiadora, os participantes tiveram de manter o foco no positivo para pensar em novas palavras. Os resultados deste estudo demonstraram que as evocações das palavras positivas afetaram positivamente o grau de felicidade dos participantes.

A felicidade como significado foi identificada em estudos que estimularam a conexão com algo maior. Um exemplo disso é um estudo realizado por Klann-Delius e colaboradores (2015), onde foi pedida a pares de participantes que avaliassem um estímulo emocional. A atividade cerebral foi medida entre os dois participantes para identificar como a conexão emocional com o outro é realizada, obtendo um aumento da felicidade nos participantes. Alguns estudos consideram a felicidade como significado, e incluíram um componente de comunicação não verbal. Por exemplo, Ethofer e colaboradores (2011) induziram a felicidade ao dizer em tom alegre palavras falsas criadas para não terem significado em nenhuma língua. Esta foi classificada como felicidade como significado porque isolava o sentimento de alegria no ritmo vocal ao invés do significado semântico das palavras.

De acordo com Ed Diener (2013), a felicidade subjetiva é um conceito psicológico que envolve a avaliação pessoal da frequência de experiências emocionais positivas e

negativas, juntamente com a satisfação geral com a própria vida. Esse julgamento pessoal é o que determina o nível de felicidade de alguém.

O sentimento de felicidade tem sido considerado como um dos melhores e mais utilizados indicadores de bem-estar (Lima et al., 2012). Assim, a busca pela felicidade, tornou-se o bem supremo na vida de uma pessoa e sempre foi algo desejado no decorrer da história da humanidade. Atualmente, devido aos progressos económicos, políticos, culturais e tecnológicos, a felicidade é novamente alvo de discussão, apesar de ser estruturada noutros valores. Para muitos, a felicidade restringe-se aos atos de trabalhar, produzir, ganhar dinheiro, consumir, seguir a moda, satisfazer desejos de forma imediata, entre muitos outros. Porém, a busca por uma felicidade mais consistente segue referências mais profundas, como a realização pessoal, a execução de um projeto de vida com propósitos, enaltecendo qualidades subjetivas, como o cuidado próprio, a autoestima, o autoconhecimento, a satisfação racional dos desejos e prazeres, o convívio familiar, a saúde integral, a autonomia, a dignidade, a sexualidade, a espiritualidade, a paz, entre outros (Pessini, 2014).

Os resultados do estudo realizado por Tanzer e Weyandt, (2020) sugerem que a felicidade está intimamente relacionada à atividade neurológica generalizada, e as regiões envolvidas são geralmente relevantes para as atividades comportamentais que estavam a ser realizadas. Em vez de se ver a felicidade como um estado afetivo, ela deve ser tomada dentro do contexto de eventos e comportamentos. É possível verificar a ativação de várias regiões cerebrais em todas as formas de felicidade: os gânglios basais (12% das regiões) o córtex pré-frontal (11% das regiões), giro temporal (11% das regiões), córtex cingulado (10% das regiões), giro frontal (9% das regiões). As gânglias basais são ativadas para todas as formas de felicidade, mas ativadas com mais frequência para a felicidade como prazer. Embora existam muitas regiões que se ativam consistentemente para todas as formas de felicidade, algumas regiões tendem a ativar-se com mais frequência para formas específicas de felicidade.

5. Relação entre Atitudes perante os papéis de género, sexismo ambivalente e felicidade

O sexismo reforça as assimetrias de poder nas relações intergrupais (Glick & Fiske 1996) e tem um efeito prejudicial na perpetuação das desigualdades de género (Becker & Wright, 2011). Apesar de não existir muita bibliografia sobre as consequências do confronto entre sexismo e o bem-estar das mulheres, ou seja, a felicidade, autores como

Estevan-Reina e colaboradores (2021) afirmam que o confronto igualitário tem efeitos positivos no bem-estar das mulheres aumentando os níveis de felicidade.

Os papéis sociais e a definição cultural de gênero são indicadores significativos dos comportamentos de bem-estar e, conseqüentemente, da felicidade. Embora o mundo se tenha tornado mais igualitário em termos de gênero, as relações desiguais de gênero e a divisão do trabalho ainda persistem em muitas sociedades. A saúde mental é uma dessas áreas onde se observam diferenças persistentes de gênero. Portanto, o gênero ainda é considerado um importante preditor de bem-estar (Hori, et al., 2018).

Napier e colaboradores (2010) num estudo representativo de 32 países descobriram que o sexismo ambivalente estava positivamente relacionado à satisfação com a vida tanto para homens quanto para mulheres, e esse efeito foi mais pronunciado em indivíduos de nações mais igualitárias.

O sexismo benévolo é constituído por atitudes manifestamente positivas e solidárias em relação às mulheres que não são normalmente considerados necessariamente sexista (Yamawaki, 2007). Glick e Fiske (1996) caracterizam o sexismo benévolo como um conjunto de atitudes relacionadas entre si relativamente às mulheres, essas atitudes são sexistas em termos de ver as mulheres de forma estereotipada e em papéis restritos, mas que são subjetivamente positivos no tom de sentimento e também tendem a provocar comportamentos normalmente categorizado como pró-social.

Um estudo realizado por Hori e colaboradores (2018) afirma que a Ásia Oriental ainda mantém um maior grau de desigualdades de gênero nas atividades económicas e sociais dos seus cidadãos em comparação aos países ocidentais e têm também um nível mais baixo de felicidade por pessoas podendo ser parcialmente devido aos papéis de gênero tradicionais proeminentes.

Os papéis sociais baseados no gênero e na socialização de gênero afetam significativamente a saúde mental dos indivíduos (Rosenfield et al., 2000). O estudo realizado por Kimmel (2005) mostra que os papéis de gênero tradicionais impactam o bem-estar psicológico dos indivíduos. Por exemplo, o emprego a tempo inteiro pode contribuir para a independência financeira e poder de negociação no casamento que eventualmente aumentam o nível de felicidade (Hori, et al., 2018).

Existem várias constatações sobre o efeito do emprego em tempo integral na saúde mental das mulheres (Stevenson & Wolfers., 2009). Um estudo realizado por Treas e colaboradores (2011) mostrou que as donas de casa eram mais felizes do que as esposas empregadas em tempo integral. Além disso, segundo Oishi e colaboradores (2015)

cumprir os papéis tradicionais de género pode ser mais importante para a felicidade das mulheres e dos homens em sociedades onde as relações de género são mais tradicionais e o cumprimento de papéis sociais apropriados é considerado, pela sociedade, uma contribuição para a harmonia social.

Brody e Hall (1993) explicaram que homens e mulheres experienciam as emoções de forma distinta. Uma dessas emoções é a felicidade. Mencarini e Sironi (201) afirmaram que as emoções são tendenciosas conscientemente ou inconscientemente pelo conhecimento do indivíduo sobre os vários estereótipos de género, e sugeriram ainda que estes estereótipos de género podem ser profecias autorrealizáveis que levam a diferenças reais de género na expressão de emoções, como a felicidade.

Um estudo realizado por Down (2019), com base nos resultados de inquéritos sobre felicidade, afirma que há uma tendência observável nos Estados Unidos: as mulheres, em comparação com os homens, tornaram-se menos felizes com as suas vidas desde o início da década de 1970. Esta tendência é intrigante tendo em conta a presença crescente das mulheres na força de trabalho e o impacto da segunda vaga do feminismo nas mudanças positivas nas condições sociais contemporâneas (Filipovic, 2017).

Stevenson e Wolfers (2009) argumentam que as mulheres podem ter dificuldade em alcançar o mesmo grau de satisfação em múltiplos domínios, por exemplo, “satisfação no trabalho” e “satisfação em casa”, estes papéis familiares tornam difícil para as mulheres alcançarem a felicidade simultaneamente em ambos os domínios e pode ter resultado na queda da felicidade média das mulheres. Um estudo realizado por Brakus e colaboradores (2022), afirma que isto se sucede devido ao facto das mulheres e homens diferirem na forma como procuram a felicidade e no que a felicidade significa para eles. Os resultados deste estudo empírico afirmam que os homens parecem obter mais felicidade e satisfação com a vida a partir de experiências prazerosas do que as mulheres, enquanto as mulheres obtêm mais felicidade e satisfação com a vida a partir de experiências pessoalmente gratificantes (ou significativas) do que os homens, apoiam a conceptualização oferecida sobre o importante papel do género no consumo de experiências que afetam a felicidade do consumidor.

Em Portugal, um estudo realizado por Serrão e colaboradores (2012) verificou que os estudantes do sexo masculino tendem a concordar mais com uma posição que tem subjacente ideias sexistas, a discordar menos de uma divisão tradicional dos papéis. No mesmo sentido, estes sujeitos tendem a concordar menos com uma divisão igualitária dos papéis.

Andrade e colaboradores (2016) afirmam que em Portugal, alguns aspetos de natureza social e cultural persistem e justificam a presença de atitudes em relação aos papéis de género que não parecem tão igualitárias quanto seria desejável. Os resultados deste estudo destacam diferenças de género nas atitudes em relação aos papéis de género comprovando que a nível familiar, as filhas são mais igualitárias que os filhos. Portanto, verifica-se que as mudanças sociais que se centram, entre outros fatores, na conquista da autonomia das mulheres devido ao aumento das oportunidades de formação e inclusão no mercado de trabalho não são acompanhadas por reivindicações correspondentes dos homens a nível intrafamiliar. Até certo ponto, parece que estas mudanças limitam conquistas específicas e não representam uma mudança nas relações de género, que permaneceram muito tradicionais, especialmente no domínio intrafamiliar. Estes resultados estão alinhados com os resultados de vários outros investigadores: os cidadãos do sexo masculino apresentam atitudes menos igualitárias em relação aos papéis de género do que cidadãos do sexo feminino (Andrade, et al., 2013; Covin & Brush, 1991).

6. Metodologia

No presente capítulo apresenta-se a parte metodológica da investigação em estudo, iniciando-se pelo enquadramento teórico do estudo, nomeadamente o modelo conceptual, objetivos, as questões de investigação e o plano de estudo. Seguidamente, apresenta-se a amostra e os respetivos critérios de seleção, os instrumentos de avaliação utilizados, bem como os procedimentos de recolha, análise e tratamento estatístico dos dados recolhidos.

6.1. Modelo Conceptual

Relativamente ao plano ou desenho do estudo, a presente investigação recorreu aos desenhos de investigação não experimentais com carácter descritivo-correlacional, dado se pretender realizar a análise e descrição dos fenómenos bem como explorar as relações entre as variáveis (Fortin et al., 2009). Especificamente, esta aplicação na presente investigação permite compreender se as atitudes perante os papéis de género, o sexismo ambivalente e a felicidade estão interligados. Optou-se pela utilização do método quantitativo para a operacionalização da investigação de forma que seja possível quantificar e traduzir o fenómeno alvo de estudo.

6.2. Objetivos do estudo

O presente estudo tem como principal objetivo caracterizar a percepção das atitudes perante os papéis de género, a percepção do sexismo ambivalente e a percepção de felicidade e analisar a relação entre estas variáveis na população portuguesa adulta.

Pretende-se ainda explorar a relação entre a percepção de felicidade, e a percepção das atitudes perante os papéis de género e a percepção do sexismo ambivalente e as variáveis sociodemográficas: género, idade, nível de escolaridade, partido político, orientação sexual e religião.

6.3. Questões de investigação

Tendo por base os objetivos supramencionados, definiram-se as seguintes questões de investigação:

Q1: Como se caracteriza a percepção de felicidade na população adulta portuguesa?

Q2: Como se caracteriza a percepção das atitudes perante os papéis de género na população adulta portuguesa?

Q3: Como se caracteriza a percepção do sexismo ambivalente na população adulta portuguesa?

Q4: Qual a relação entre a percepção de felicidade, a percepção das atitudes perante os papéis de género e o sexismo ambivalente na população adulta portuguesa?

Q5: Qual a relação das variáveis sociodemográficas (género, idade, nível de escolaridade, partido político, orientação sexual e religião) com a percepção de felicidade na população adulta portuguesa?

Q6: Qual a relação das variáveis sociodemográficas (género, idade, nível de escolaridade, partido político, orientação sexual e religião) e a percepção das atitudes perante os papéis de género na população adulta portuguesa?

Q7: Qual a relação das variáveis sociodemográficas (género, idade, nível de escolaridade, partido político, orientação sexual e religião) da percepção de sexismo ambivalente na população adulta portuguesa?

6.4. Plano de estudo

Este estudo trata-se de uma abordagem quantitativa, de natureza descritivo-correlacional, uma vez que se pretende descrever as variáveis em estudo (atitudes perante os papéis de género, o sexismo ambivalente e a felicidade) e explorar/determinar a existência de relação entre elas (Fortin et al., 2009).

Especificamente, esta aplicação na presente investigação irá permitir compreender se e de que forma, a felicidade a percepção das atitudes perante os papéis de género e o sexismo ambivalente estão relacionados. Optou-se pela utilização do método quantitativo para a operacionalização da investigação de forma que seja possível quantificar e traduzir o fenómeno alvo de estudo (Fortin et al., 2009).

6.4. Descrição da amostra

A seleção dos participantes foi realizada através de um processo de amostragem não probabilístico, sendo que este não deu a todos os elementos da população a mesma possibilidade de serem escolhidos para formar a amostra, por conveniência, uma vez que a recolha foi realizada *online*, permitindo atingir o número desejado de participantes. A amostra é constituída por um subgrupo da população, selecionado para obter informações relativas às características desta. Foram definidos como critérios de inclusão o indivíduo ser adulto, com idades entre os 18 e os 65 anos e ter nacionalidade portuguesa. Assim sendo, foram excluídas 7 respostas de participantes com idade inferior a 18 anos e idade superior aos 65 anos.

A amostra é constituída por 244 adultos de nacionalidade portuguesa as idades variam entre os 18 anos (mínimo) e 64 anos (máximo), com uma média de idade de 28,1 (DP=8.1), na generalidade solteiros (77.9%), sendo que destes a grande parte está numa relação de namoro atualmente (40.6%). No que toca à escolaridade, a maioria tem o ensino secundário (78.3%), relativamente à situação laboral, a grande parte está empregado/a na empresa atual de 1 a 5 anos (29.9%). A maioria dos participantes é do sexo feminino (79.1%), quanto a questões religiosas a maioria respondeu que é católico/a não praticante (53.3%). No que diz respeito à orientação política, a que obteve uma maior percentagem foi a de direita (25.4%) e centro-direita (24.6%). Relativamente à orientação sexual a maioria declara-se heterossexual (93.4%) como é possível observar na tabela 1.

Tabela 1

Descrição da amostra (N=244)

Variável	Grupos	<i>n</i>	%
Género	Feminino	193	79.1
	Masculino	51	20.9
Orientações Religiosas	Ateu/Ateia	24	9.8

	Agnóstico/a	27	11.1
	Católico/a praticante	52	21.3
	Católico/a não praticante	130	53.3
	Evangélico/a		
	Outro	6	2.5
Orientações Políticas	Direita	5	2.0
	Centro-Direita	62	25.4
	Centro-Esquerda	60	24.6
	Esquerda	50	20.5
	Nenhuma Orientação	27	11.1
	Outra	6	2.5
		39	16.0
Orientação Sexual	Heterossexual	228	93.4
	Bissexual	9	3.7
	Homossexual	5	2.0
	Assexual	1	0.4
	Pansexual	1	0.4

6.6. Instrumentos

Para a recolha dos dados foram aplicados quatro instrumentos: o questionário sociodemográfico, a Escala de Felicidade Subjetiva (Lyubomirsky & Lepper, 1999; traduzido e adaptado por Pais-Ribeiro em 2012;); a Escala de Atitudes Pacíficas relativamente ao Género (Vaillancourt & Leaper, 1997, traduzida e adaptada por Andrade em 2006; e o Inventário de Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996, traduzido e adaptado por Serrão e colaboradores em 2011).

5.6.1. Questionário sociodemográfico. O questionário sociodemográfico (Anexo B), foi desenvolvido de forma a conseguir obter as informações pertinentes para este estudo, sendo composto por um conjunto de 12 itens relativos a características pessoais dos participantes, com o objetivo de caracterizar da melhor forma a população em estudo, mas que não comprometem a identificação do participante. O questionário é constituído por questões de escolha múltipla ou de resposta curta e simples, como idade, sexo, estado civil, grau de escolaridade, local de residência, agregado familiar, estado civil dos pais, existência de filhos, e caso seja o caso, o número de filhos, situação laboral, questões religiosas, orientação política e orientação sexual.

6.6.2. Escala de Felicidade Subjetiva. Foi desenvolvido por Lyubomirsky e Lepper em 1999 e traduzido e adaptado por Pais-Ribeiro em 2012. É uma escala de autorresposta composto por 4 itens, este instrumento é utilizado para avaliar a felicidade subjetiva global. Na versão original apresenta 4 afirmações, nas quais, em duas se pede ao sujeito que se caracterize a si próprio por comparação aos outros, e nas outras duas são apresentadas descrições de felicidade e infelicidade. A cotação é realizada através da média das respostas às questões do questionário. Estas afirmações são respondidas numa escala tipo *Likert*, de 1 até 7 pontos.

A adaptação portuguesa foi realizada por Pais-Ribeiro, é igualmente constituída por 4 afirmações, nas quais, em duas se pede ao participante que se caracterize a si próprio por comparação aos outros, e nas outras duas são apresentadas descrições de felicidade e infelicidade. Estas afirmações são respondidas numa escala tipo *Likert*, de 1 até 7 pontos. A escala apresentou boas condições psicométricas e propriedades semelhantes à escala original com um bom valor de consistência interna, sendo este de 0.76 (Pais-Ribeiro, 2012). A análise descritiva foi realizada através da soma ponderada. No presente estudo obteve-se um α de *Cronbach* de 0.324. Através dos critérios definidos por Cohen (1998), um coeficiente de 0.30 a 0.49 é considerado moderado (Pallant, 2017). Assim sendo, os itens do instrumento têm alguma relação, mas essa relação não é forte, o que pode comprometer a confiabilidade do instrumento. É importante realçar que a bibliografia afirma que, quando o instrumento possui poucos itens, como acontece neste caso em particular, o coeficiente alfa de Cronbach pode ser mais sensível a pequenas variações, o que pode resultar em oscilações. Isso ocorre porque o coeficiente alfa é uma medida de consistência interna e é influenciado pelo número de itens e pela correlação entre eles. Portanto, pequenas mudanças nas respostas dos participantes podem levar a oscilações no valor do alfa, sem implicar perda de confiabilidade (Dalmoro & Vieira, 2013).

6.6.3. Escala de Atitudes Pacíficas relativamente ao Género. Desenvolvida por Vaillancourt & Leaper em 1997 e traduzida e adaptada por Andrade em 2006. Esta escala é de autorresposta constituída por 25 itens utilizada para avaliar de que modo as atitudes face à igualdade de direitos e de papéis para homens e mulheres, se traduzem em atividades e comportamentos associados aos papéis de género, dos quais se destacam os relacionamentos interpessoais, os papéis conjugais e parentais e nos contextos sociais em geral.

A sua versão original é constituída por 25 itens em que o individuo tem de assinalar apenas uma opção numa escala de tipo *Likert* de 1 a 4 sendo 1 “concordo totalmente” e 4 “discordo totalmente” de modo que quanto maior for a pontuação global obtida, mais positivas são as atitudes em relação à igualdade de papéis de género. A escala é dividida por duas subescalas a Divisão tradicional e a Divisão igualitária.

Relativamente à fidelidade do instrumento, os autores obtiveram valores de coeficientes de consistência interna em vários estudos efetuados com este instrumento que variaram entre 0.74 e 0.91 (Glick & Fiske, 1996).

A versão portuguesa desenvolvida por Andrade (2006) é constituída por 20 itens, e possuiu duas subescalas, a subescala Divisão tradicional com 13 itens, traduzem uma atitude de valorização da divisão tradicional (assimétrica) dos papéis de género, enquanto os itens relativos à subescala Divisão igualitária com 7 itens, traduzem uma atitude de valorização da divisão igualitária dos papéis de género.

Em relação à consistência interna deste instrumento, a autora obteve valores de alpha de *Cronbach* de 0.79 na subescala Divisão tradicional e de 0.68 na subescala Divisão igualitária (Glick & Fiske, 1996). A análise descritiva foi realizada através da soma ponderada. No presente estudo obteve-se um α de *Cronbach* de 0.78 no fator 1 (Divisão tradicional) e um α de *Cronbach* de 0.21 no fator 2 (Divisão igualitária) depois de excluir os dois itens que também foram excluídos no artigo de tradução. Através dos critérios definidos por Cohen (1998), um coeficiente de 0.10 a 0.29 é considerado baixo e um coeficiente de 0.50 a 1.0 é alto (Pallant, 2017). Assim sendo, os valores obtidos na subescala Divisão tradicional indicam que os itens deste fator estão altamente relacionados e medem a mesma coisa de maneira confiável. No entanto, os valores obtidos na subescala Divisão igualitária indicam que a consistência interna deste fator é baixa, e os itens não estão fortemente relacionados, isso pode sugerir que pode não ser uma medida muito confiável daquilo que se propõe a medir.

6.6.4. Inventário de Sexismo Ambivalente. Desenvolvido por Glick e Fiske, em 1996 e traduzido e adaptado por Serrão e colaboradores em 2012. Este instrumento é de autorresposta constituído por 22 itens, sendo utilizado para avaliar ideias sexistas, quer de um ponto de vista benévolo, quer de um ponto de vista hostil. O inventário é constituído por duas subescalas o Sexismo hostil e o Sexismo benévolo. O participante tem de assinalar apenas uma opção numa escala de tipo *Likert* de 1-5, 1 correspondendo a “discordo totalmente” e 5 a “concordo totalmente”. Os autores realizaram vários

estudos para a elaboração e validação da prova. Desta forma, o inventário era constituído inicialmente por 140 itens. Seguidamente, os autores aplicaram uma versão reduzida da escala composta por 22 a 32 itens a várias amostras (Glick & Fiske, 1996).

A versão portuguesa é constituída por 22 itens saturados em duas subescalas. A subescala Sexismo hostil reflete o sexismo hostil, uma vez que demonstram um preconceito mais evidente face ao género feminino e a subescala Sexismo benévolo que diz respeito ao sexismo benévolo, na medida em que demonstram uma forma subtil de diferenciação das mulheres. Relativamente à fidelidade do inventário, os autores obtiveram valores de coeficientes de consistência interna de 0.85 em ambos os fatores. A análise descritiva foi realizada através da soma ponderada. No presente estudo obteve-se um α de *Cronbach* de 0.88 na subescala de Sexismo hostil e um α de *Cronbach* de 0.84 na subescala de Sexismo benévolo. Através dos critérios definidos por Cohen (1998), um coeficiente de 0.50 a 1.0 é alto (Pallant, 2017). Assim sendo, os valores obtidos em ambos os fatores indicam que os itens do instrumento estão altamente relacionados e medem a mesma coisa de maneira confiável.

6.7. Procedimentos de recolha e análise dos dados

Tendo por objetivo a realização do presente trabalho, foi efetuada uma vasta revisão bibliográfica acerca da temática em estudo. Após a seleção dos instrumentos utilizados para o estudo, procedeu-se aos pedidos de autorização aos autores, para que fosse possível a aplicação dos mesmos.

Para a recolha dos dados primeiramente, como material, foi utilizado o consentimento informado (Anexo B). Em seguida, foi feita a recolha de dados no formato online, através da plataforma *Google Forms*, os dados foram recolhidos no período de fevereiro a abril de 2023. A divulgação foi realizada através das redes sociais, nomeadamente *Instagram*, *Messenger* e *Whatsapp*, e através do *e-mail*, utilizando do método de recolha de participantes *snowball sampling*.

A análise e o tratamento dos dados dos participantes que foram obtidos, foi efetuada com recurso ao software *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 27. Para obtenção das pontuações médias dos instrumentos foi realizada uma análise estatística, através de medidas de tendência central (média, mediana e moda) e de dispersão (desvio padrão e percentagens). Para verificar se as variáveis seguem uma distribuição normal da amostra foi realizada uma avaliação da normalidade a partir do teste de *Kolmogorov-Smirnov's*. A partir deste, verificou-se que as variáveis seguem

uma distribuição não normal, tal implica a utilização de testes não paramétricos. Tendo em consideração o referido, para a realização das correlações foi utilizado o teste não paramétrico de *Spearman*.

7. Resultados

Neste ponto serão apresentados os resultados decorrentes da investigação realizada, considerando as questões de investigação relacionando as variáveis principais, nomeadamente: as Atitudes perante os papéis de género, o Sexismo ambivalente e a Felicidade subjetiva.

7.1. Análise descritiva das atitudes pacíficas relativamente ao género, do sexismo ambivalente e da felicidade subjetiva

Começa por se destacar os valores médios e desvio-padrão obtidos para cada uma das variáveis em estudo, respondendo às primeiras três questões de investigação propostas. No que se refere às pontuações médias da Escala de Atitudes Pacíficas relativamente ao Género, de entre as subescalas a que apresenta pontuações médias mais elevada é a Divisão tradicional 3.16 (DP=0.44), sendo que a subescala Divisão igualitária, tem uma média de 1.37 (DP=0.31), sugerindo que, em média, os participantes têm atitudes mais tradicionais em relação aos papéis de género. Como é possível verificar na Tabela 2.

Tabela 2.

Atitudes pacíficas relativamente ao género nos adultos portugueses (n=244)

Variável (subescalas)	M	DP	Min	Máx
Divisão igualitária	1.37	0.31	1	2.86
Divisão tradicional	3.16	0.44	1.46	4

*Divisão igualitária M=1.60 (0.52); Divisão tradicional M=3.16 (0.48) (Andrade, 2006).

No que se refere às pontuações médias no Inventário de Sexismo Ambivalente, de entre as subescalas a que apresenta pontuações médias mais elevada é o Sexismo hostil a média da experiência dos participantes é de 2.5 (DP=0.82), sendo que na subescala Sexismo benévolo a média da experiência dos participantes é de 2.38 (DP=0.85). Estes resultados, na subescala Sexismo hostil estão abaixo do estudo de Serrão e colaboradores (2012), indicando menor tendência para atitudes hostis, ou seja,

demonstram um preconceito menos evidente face ao género feminino nesta amostra. Como é possível verificar na Tabela 3.

Tabela 3.

Sexismo ambivalente nos adultos portugueses (n=244)

Variável (subescalas)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min	Máx
Sexismo hostil	2.5	0.82	1	4.91
Sexismo benévolo	2.38	0.85	1	5

*Sexismo hostil $M=2.97(0.70)$; Sexismo benévolo $M=2.87(0.73)$ (Serrão et al., 2012).

Para avaliar a Felicidade Subjetiva os resultados sugerem que a média da experiência dos participantes da amostra é de 4.64 ($DP=0.83$). Estes resultados estão abaixo do estudo de Pais-Ribeiro (2012) indicando que, os participantes desta amostra relataram uma média mais baixa de felicidade. Como é possível verificar na Tabela 4.

Tabela 4.

Felicidade subjetiva nos adultos portugueses (n=244)

Variável (subescalas)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min	Máx
Felicidade subjetiva	4.64	0.83	1	7

*Felicidade subjetiva = $M=5.12(1.02)$, segundo o estudo de validação (Pais-Ribeiro, 2012).

7.2. Análise da relação entre a Felicidade subjetiva, as Atitudes pacíficas relativamente ao género e o Sexismo ambivalente

Com o objetivo de explorar a relação entre a Felicidade subjetiva com as Atitudes pacíficas relativamente ao género e o Sexismo ambivalente recorreu-se ao teste de correlação de Spearman.

Relativamente à relação entre Felicidade subjetiva e a Divisão igualitária e a Divisão tradicional não foram encontradas nenhuma correlações estatisticamente significativas. No entanto, relativamente à relação entre a Felicidade subjetiva e o Sexismo hostil é possível verificar que existe uma correlação estatisticamente significativa ($r= .172, p= .007$), indicando que níveis mais elevados de Felicidade subjetiva estão relacionados a atitudes mais hostis em relação ao género. Relativamente

ao Sexismo benévolo não foi encontrada nenhuma correlação estatisticamente significativa. Como é possível observar na tabela 5.

Tabela 5.

Relação entre Felicidade subjetiva e Percepção das atitudes perante os papéis de género e o Sexismo ambivalente (N=244)

	Felicidade Subjetiva	
	<i>r</i>	<i>p</i>
Divisão igualitária	.111	.083
Divisão tradicional	-.059	.358
Sexismo hostil	.172**	.007
Sexismo benévolo	.101	.116

**A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades).

Com o objetivo de explorar a relação entre as Atitudes pacíficas relativamente ao género e o Sexismo ambivalente recorreu-se ao teste de correlação de Spearman. Como é possível observar na tabela 6, foi encontrada uma correlação estatisticamente significativa negativa entre o Sexismo Hostil e a Divisão tradicional ($r = -.242, p < .001$). Também foi encontrada uma correlação significativamente significativa negativa entre o Sexismo benevolente e a Divisão tradicional ($r = -.270, p < .001$). Estes resultados indicam que os participantes que pontuam mais alto na Divisão tradicional pontuem mais baixo tanto no Sexismo hostil quanto no Sexismo benévolo.

Tabela 6.

Percepção das Atitudes perante os papéis de género e o Sexismo ambivalente (N=244)

	Sexismo hostil		Sexismo benévolo	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Divisão igualitária	-.084	.195	-.043	.503
Divisão tradicional	-.242**	< .001	-.270**	< .001

**A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades).

*A correlação é significativa no nível 0.05 (2 extremidades).

7.3. Análise da relação variáveis sociodemográficas e a Felicidade Subjetiva, as Atitudes Pacíficas relativamente ao género e o Sexismo ambivalente

Com o objetivo de explorar a relação entre as variáveis sociodemográficas e a escala de Felicidade subjetiva, recorreu-se ao teste de correlação de Spearman. Como é possível observar na tabela 7, existe uma correlação estatisticamente significativa positiva entre a Felicidade subjetiva e o género da população adulta portuguesa ($r = .152$, $p = .017$) ou seja, os homens tendem a relatar níveis mais altos de felicidade subjetiva em comparação com as mulheres. Não foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre a Felicidade subjetiva e as restantes variáveis sociodemográficas.

Tabela 7.

Relação entre a felicidade subjetiva e variáveis sociodemográficas.

	Felicidade Subjetiva	
	r	p
Idade	.122	.057
Género	.152*	.017
Estado Civil	.100	.120
Habilitações Literárias	.010	.880
Situação Laboral	-.032	.615
Questões Religiosas	.001	.994
Orientação Política	-,025	.696
Orientação Sexual	-.068	.291

*A correlação é significativa no nível 0.05 (bilateral).

Com o objetivo de explorar a relação entre as variáveis sociodemográficas e as Atitudes perante os papéis de género, recorreu-se ao teste de correlação de Spearman. Como é possível observar na tabela 8, existe uma correlação estatisticamente significativa positiva entre a idade e a Divisão igualitária ($r = .124$ $p = .037$) indicando que à medida que a idade dos participantes aumenta, as atitudes em relação à Divisão igualitária de papéis de género também tende a aumentar ligeiramente.

Também existe uma correlação estatisticamente significativa negativa entre o género e a Divisão tradicional ($r = -.260$ $p < .001$) indicando que os participantes do sexo feminino tendem a ter atitudes mais tradicionais em relação aos papéis de género do que os participantes do género masculino. Também se verifica uma correlação

estatisticamente significativa positiva entre a orientação política e a Divisão tradicional ($r = .209$ $p = .001$) este resultado indica que, à medida que a orientação política se torna mais conservadora (ou seja, mais à direita), há uma tendência para que as pontuações na Divisão tradicional aumentem. Não foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre a Percepção das atitudes perante os papéis de género e as restantes variáveis sociodemográficas.

Tabela 8.

Correlação entre a percepção das atitudes perante os papéis de género e variáveis sociodemográficas.

	Divisão igualitária		Divisão tradicional	
	r	p	r	p
Idade	.124*	.037	-.120	.062
Género	-.002	.980	-.260**	< .001
Estado Civil	.023	.718	-.103	.111
Habilitações Literárias	.100	.123	.040	.536
Situação Laboral	-.048	.454	.067	.301
Questões Religiosas	-.022	.735	-.088	.174
Orientação Política	.040	.541	.209**	.001
Orientação Sexual	.092	.155	.036	.583

*A correlação é significativa no nível 0.05 (bilateral).

** A correlação é significativa ao nível 0.01 (bilateral).

Com o objetivo de explorar a relação entre as variáveis sociodemográficas e o Sexismo ambivalente, recorreu-se ao teste de correlação de Spearman. Como é possível observar na tabela 9, existe uma correlação estatisticamente significativa positiva entre o género e o Sexismo benévolo ($r = .222$, $p < .001$) o que indica que os participantes do género feminino tendem a mostrar menor ambivalência em relação ao sexismo do que os participantes do género masculino e uma correlação estatisticamente significativa positiva entre o género e o Sexismo hostil ($r = .265$, $p < .001$), este resultado sugere que participantes do género masculino exibem atitudes mais hostis em relação ao género do que os participantes do género feminino.

Foi encontrada também uma correlação estatisticamente significativa negativa entre o as habilitações literárias e o Sexismo hostil ($r = -.160$ $p = .013$) sugerindo que

peças com níveis mais elevados de educação podem ter níveis mais baixos de Sexismo hostil e uma correlação estatisticamente significativa negativa entre o as Habilitações literárias e o Sexismo benévolo ($r = -.129$ $p = .045$). Este resultado sugere que pessoas com níveis mais elevados de educação têm menos propensão a expressar atitudes benevolentes. Não foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre o Sexismo ambivalente e as restantes variáveis sociodemográficas.

Tabela 9.

Correlação entre o sexismo ambivalente e variáveis sociodemográficas.

	Sexismo benévolo		Sexismo hostil	
	r	p	r	p
Idade	.017	.796	.119	.064
Género	.222**	< .001	.272**	< .001
Estado Civil	.031	.633	.116	.072
Habilitações Literárias	-.129*	.045	-.156*	.015
Situação Laboral	-.073	.255	-.004	.956
Questões Religiosas	.004	.956	.031	.633
Orientação Política	-.109	.090	-.081	.209
Orientação Sexual	-.090	.159	-.098	.140

** A correlação é significativa ao nível 0.01 (bilateral).

*A correlação é significativa no nível 0.05 (bilateral).

8. Discussão

O sexismo ambivalente tem um efeito prejudicial na perpetuação das desigualdades de género e influencia as atitudes perante os papéis de género (Becker & Wright, 2011), confrontar o sexismo e tornar a sociedade igualitária aumenta o bem-estar das mulheres, aumentando os seus níveis de felicidade (Estevan-Reina et al., 2021).

Como referido anteriormente, o principal objetivo deste estudo era explorar a relação entre Atitudes em relação aos papéis de género, o Sexismo ambivalente e a Felicidade subjetiva na população adulta portuguesa. Deste modo, foram escolhidos os instrumentos mencionados na metodologia uma vez que estes mostraram boas qualidades psicométricas, e eram válidos para serem aplicados nesta população específica. Neste sentido, e de maneira a testar os objetivos e as questões de

investigação previamente formuladas, foram realizadas algumas análises estatísticas, cujos resultados serão em seguida discutidos.

A média das pontuações de Felicidade Subjetiva indica que, em média, os participantes relataram níveis moderados de felicidade nesta amostra. No entanto, comparativamente com o estudo de validação realizado por Pais-Ribeiro (2012) os participantes desta amostra relataram uma média mais baixa de felicidade do que os participantes em 2012. Podendo este ser um indicador de que os níveis de felicidade e bem-estar na população portuguesa diminuiu na última década.

As pontuações médias das Atitudes em relação aos papéis de género indicaram que, em média, os participantes têm uma atitude moderada em relação aos papéis de género. As médias para a Divisão tradicional e benévolo são similares em ambos os estudos, indicando consistência ao longo da última década.

As pontuações médias do Sexismo ambivalente sugerem que, em média, os participantes têm pontuações moderadas nessa escala. Comparativamente ao artigo de validação realizado por Serrão e colaboradores (2012), os valores médios deste estudo na subescala Sexismo hostil estão abaixo, indicam menor tendência para atitudes hostis, ou seja, demonstram um preconceito menos evidente face ao género feminino. Podendo ser um indicador de que o nível de sexismo hostil na população portuguesa diminuiu na última década.

Relativamente à relação entre a Felicidade subjetiva e as Atitudes em relação aos papéis de género não foi encontrada uma correlação estatisticamente significativa. Estes resultados indicam que a Felicidade subjetiva não está diretamente ligada às Atitudes em relação aos papéis de género na amostra.

Ao avaliar a correlação entre a Felicidade subjetiva e o Sexismo ambivalente foi encontrada uma correlação estatisticamente significativa, entre a Felicidade subjetiva e o Sexismo hostil, isso indica que, à medida que os níveis de sexismo hostil aumentam, a felicidade subjetiva também tende a aumentar, e vice-versa. Estes resultados foram comprovados no estudo realizado por Hammond & Sibley (2011) que afirmam que existe uma ligação entre o sexismo e a satisfação com a vida e, que esta é diferente para homens e mulheres. Para as mulheres, quando o sexismo aumenta, aumenta em simultâneo a felicidade através do mecanismo intermediário de justificação do sistema específico de género. Por outro lado, nos homens, o efeito direto positivo do sexismo na felicidade pode ser atribuído a marcadores de estatuto, recursos e poder.

Ao avaliar a correlação entre as Atitudes perante os papéis de género e Sexismo ambivalente, foi possível verificar que foi encontrada uma correlação estatisticamente significativa negativa entre o Sexismo hostil e a Divisão tradicional e entre o Sexismo benévolo e a Divisão tradicional. Estes resultados indicam que os participantes que pontuam mais alto na Divisão tradicional pontuam mais baixo tanto no Sexismo hostil quanto no Sexismo benévolo. O valor negativo da correlação sugere que, em geral, à medida que as atitudes em relação aos papéis de género se tornam mais igualitárias, as pontuações em sexismo ambivalente tendem a diminuir. Isso pode implicar que as pessoas que têm atitudes mais igualitárias em relação aos papéis de género têm menos probabilidade de manifestar sexismo ambivalente. Este resultado não vai de encontro com a escassa bibliografia existente, os resultados deste estudo, podem ser interpretados como um indício de que as pessoas com mentalidades mais tradicionais em relação aos papéis de género podem não expressar necessariamente atitudes sexistas mais extremas. Pode existir uma espécie de mitigação ou moderação dessas atitudes em contextos mais tradicionais. Este resultado também pode ser justificado pela possível desejabilidade social dos participantes aquando da realização do questionário ou à falta de rigor no preenchimento do questionário.

Relativamente à relação entre a Felicidade subjetiva e o género da população adulta portuguesa foi possível verificar que existe uma correlação estatisticamente significativa positiva indicando que os homens tendem a relatar níveis mais altos de felicidade subjetiva em comparação com as mulheres. O estudo realizado por Mencarini e Sironi (2012) confirma que existem diferenças de género na experiência de felicidade e bem-estar subjetivo. Nos resultados deste estudo, quando homens e mulheres eram tratados como dois grupos agregados, as mulheres pareciam possuir uma conceitualização da felicidade um pouco diferente daquela dos homens. Madden (2010) reporta que as mulheres apresentam níveis de bem-estar e felicidade mais baixo que os homens.

Ao avaliar a correlação entre as Atitudes perante os papéis de género e as variáveis sociodemográficas foi possível verificar que existe uma relação estatisticamente significativa positiva entre a idade e a Divisão igualitária indicando que à medida que a idade dos participantes aumenta, a pontuação nas atitudes em relação à Divisão igualitária de papéis de género também tende a aumentar ligeiramente. Num estudo realizado por Hammond e colaboradores (2018) onde avaliaram os níveis de sexismo ao longo da idade, descobriram que à medida que as pessoas envelhecem os níveis de sexismo diminuem e as pessoas começam a visualizar os papéis de género de uma

forma mais igualitária. Isto poderá ser ao facto de que, à medida que as pessoas envelhecem, podem enfrentar diferentes situações e desafios em relação aos papéis de género, o que pode influenciar as suas atitudes. A maturidade e a reflexão ao longo do tempo podem levar a uma maior compreensão e aceitação da igualdade de género.

Também foi encontrada uma correlação estatisticamente significativa negativa entre o género e a Divisão tradicional, indicando que os participantes do género feminino tendem a ter atitudes mais tradicionais em relação aos papéis de género do que os participantes do género masculino. O estudo realizado por Hammond & Sibley (2011) afirma que nos grupos desfavorecidos, como é o caso das mulheres, a motivação para legitimar os sistemas sociais por vezes tem prioridade quando as necessidades próprias não são salientes, apesar dos efeitos prejudiciais inerentes à manutenção de um status quo desigual, os grupos desfavorecidos muitas vezes justificam o sistema significativamente mais do que os grupos favorecidos, neste caso, os homens. As mulheres tendem a apoiar mais a divisão tradicional dos papéis e o sexismo à medida que vivenciam uma maior desigualdade social de género (Glick et al. 2000).

Por fim, também se verifica uma correlação estatisticamente significativa positiva entre a orientação política e a Divisão tradicional. O valor positivo da correlação indica que existe uma correlação positiva entre a orientação política mais conservadora e pontuações mais altas em atitudes perante os papéis de género. Isso sugere que os participantes com orientações políticas mais conservadoras tendem a ter atitudes menos igualitárias em relação aos papéis de género. Por outro lado, os participantes com orientações políticas mais progressistas podem ter atitudes mais igualitárias em relação aos papéis de género. Estes resultados vão em concordância com o artigo de validação que obteve resultados similares, comprovando que no que se refere às atitudes perante os papéis de género, verifica-se que os participantes de direita/centro-direita tendem a ter uma opinião menos discordante relativamente à divisão tradicional de papéis e menos favorável relativamente à divisão igualitária (Serrão et al., 2012).

Ao avaliar a correlação entre o Sexismo ambivalente e as variáveis sociodemográficas foi possível verificar que existe uma relação estatisticamente significativa entre o género e o Sexismo benévolo, o que indica que os participantes do género feminino tendem a mostrar menor ambivalência em relação ao sexismo do que os participantes do género masculino e uma correlação estatisticamente significativa positiva entre o género e o Sexismo hostil, este resultado sugere que participantes do género masculino exibem atitudes mais hostis em relação ao género do que os participantes do género feminino. O

valor positivo da correlação indica que existe uma correlação positiva entre ser do género masculino e pontuações mais altas de sexismo ambivalente. Assim sendo, os homens na amostra tendem a exibir níveis mais altos de sexismo ambivalente do que as mulheres. Essa relação sugere que os estereótipos de género ambivalentes podem ser mais prevalentes entre os homens na amostra. O artigo escrito por Serrão e colaboradores (2012) confirma, que no diz respeito ao sexismo benévolo e ao Sexismo hostil, verificou-se que os participantes do género masculino obtiveram notas médias mais elevadas do que as participantes do género feminino. Os resultados do estudo de Ferreira (2004) afirmam que os homens apresentam características mais sexistas que as mulheres, em especial relevo no que diz respeito ao Sexismo hostil, mas também no que diz respeito ao Sexismo benévolo.

Também foi encontrada uma correlação estatisticamente significativa negativa entre o as habilitações literárias e o Sexismo hostil sugerindo que pessoas com níveis mais elevados de educação podem ter níveis mais baixos de Sexismo hostil e uma correlação estatisticamente significativa negativa entre o as habilitações literárias e o Sexismo benévolo. Este resultado sugere que pessoas com níveis mais elevados de educação têm menos propensão a expressar atitudes benevolentes. Em outras palavras, a educação parece estar associada a uma menor aceitação de estereótipos de género. Os resultados do estudo realizado por Garaigordobil (2013) comprovaram que, à medida que o nível de escolaridade aumenta, todos os tipos de sexismo diminuem.

9. Conclusão

O presente estudo possibilitou explorar a relação entre as Atitudes em relação aos papéis de género, o Sexismo ambivalente e a Felicidade subjetiva na população adulta portuguesa. Esta investigação permitiu assim uma melhor compreensão destes fenómenos e como estes se relacionam entre si e com as características sociodemográficas da população. Apesar de cada vez mais, existir uma maior consciencialização no contexto atual português sobre uma efetiva igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, as desigualdades de género permanecem. Assim sendo, é essencial estudar este fenómeno que está numa ascensão constante e perceber os impactos que pode ter, permitindo uma intervenção mais acertada tendo implicações para a promoção da igualdade de género e estratégias para melhorar o bem-estar.

Os principais resultados obtidos neste estudo dizem-nos que não existe uma correlação estatisticamente significativa entre a Felicidade subjetiva e as Atitudes em relação aos papéis de género. Isso sugere que, a Felicidade subjetiva não está diretamente ligada às perceções sobre os papéis de género e destaca a complexidade dessas relações. No entanto, foi encontrada uma correlação estatisticamente significativa entre Felicidade subjetiva e Sexismo ambivalente, mais especificamente com o Sexismo hostil. Este resultado é intrigante e pode requerer uma investigação mais aprofundada para compreender a natureza dessa relação. Estes resultados apontam para a complexidade das relações entre estas variáveis, sugerindo que fatores contextuais e culturais desempenham um papel importante.

Relativamente aos pontos fortes deste estudo, podemos considerar o facto de ainda haver poucos estudos a nível nacional que abordem as atitudes perante os papéis de género e o sexismo ambivalente na população portuguesa e como estes se relacionam com o bem-estar psicológico da população.

No que diz respeito às limitações do estudo verificou-se a pouca heterogeneidade da amostra, não tendo sido possível realizar várias subescalas de faixas etárias diferentes. Em segundo lugar, verificou-se também a pouca diversidade da amostra, sendo que, os participantes são maioritariamente do género feminino, solteiros e no que toca à escolaridade, a maioria tem o ensino secundário, o que não permite generalizar os resultados para toda a população portuguesa.

No que concerne às implicações dos resultados podemos concluir que, este estudo mostra-se importante para compreender as dinâmicas sociais e as crenças que moldam as interações entre os géneros e ajuda a identificar padrões e tendências na população podendo ser útil para desenvolver estratégias de intervenção e sensibilização. Este estudo pode contribuir para a criação de consciência sobre questões de género e incentivar o diálogo construtivo.

Em resumo, este estudo fornece insights sobre a relação entre as atitudes em relação aos papéis de género, o sexismo ambivalente e a felicidade subjetiva. As descobertas podem influenciar discussões voltadas para a promoção da igualdade e redução de estereótipos de género. Embora não tenham sido encontradas correlações significativas entre a felicidade subjetiva e as atitudes em relação ao género, as associações com o sexismo hostil, com o género, com a idade e com as orientações políticas e educacionais são notáveis. Esses resultados podem ser úteis para futuras pesquisas e intervenções voltadas para entender melhor as complexas interações entre

felicidade, atitudes perante os papéis de género e sexismo na sociedade portuguesa. Pesquisas adicionais podem também explorar fatores contextuais e culturais que influenciam estas relações. Estes resultados podem inspirar investigações mais aprofundadas sobre as razões por trás das atitudes identificadas como sexistas e como essas atitudes evoluem ao longo do tempo.

Referência Bibliográficas

- Aassve, A., Fuochi, G., and Mencarini, L. (2014). Desperate housework: Relative resources, time availability, economic dependency, and gender ideology across Europe. *Journal of Family Issues*, 35, 1000–1022.
- Abate, N. (2018). An investigation of gender division of labour: the case of Delanta district, South Wollo zone, Ethiopia. *J. Agric. Ext. Rural Dev.* 9 (9), 207–214. <https://www.scopus.com/home.uri>
- Adegbite, O., Macheche, C. (2020). Bridging the financial inclusion gender gap in smallholder agriculture in Nigeria: an untapped potential for sustainable development. *World Dev.* 127 (March), 104755. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2019.104755>
- Ahmad, S. (2017). Family or future in the academy? Review of Educational Research, 87, n.o1, 204-239. Doi: 10.3102/0034654316631626
- Amâncio, L., & Santos, M. H. (2021). Gender equality and modernity in Portugal. An analysis on the obstacles to gender equality in highly qualified professions. *Social Sciences*, 10(5), 162. <https://doi.org/10.3390/socsci10050162>
- Anderson, E., & White, A. (2018). Sport, theory and social problems: A critical introduction. Routledge.
- Arenas Ramiro, M. (2017). La igualdad de oportunidades en la carrera universitaria: conciliación y corresponsabilidad como medios para conseguirla. *Feminismo/s*, 29, 17-43. Doi: 10.14198/fem.2017.29.01
- Arnosó, A., Ibabe, I., Arnoso, M., Elgorriaga, E. (2017) El sexismo como predictor de la violencia de pareja en un contexto multicultural. *Anuario de Psicología Jurídica*, 27(1), 9-20. <https://doi.org/10.1016/j.apj.2017.02.001>
- Azale T, Fekadu A, Medhin G, Hanlon C. Coping strategies of women with postpartum depression symptoms in rural Ethiopia: a cross-sectional community study. *BMC Psychiatry*. (2018) 18:41. Doi: 10.1186/s12888-018-1624-z
- Azevedo, S. L. M. (2016). Bem-estar pessoal e felicidade subjetiva nos jovens em acolhimento residencial em Portugal. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/85858/2/145263.pdf>
- Bartels M. (2015). Genetics of wellbeing and its components satisfaction with life, happiness, and quality of life: a review and meta-analysis of heritability studies. *Behav. Genet.* 45:137–56.

- Beaman L, Chattopadhyay R, Duflo E, Pande R, Topalova P (2009) Powerful women: does exposure reduce Bias? *Q J Econ* 124(4):1497–1540.
- Behar, C., Jorge, S. B., de Castro Ribas, R., & Campos, L. A. M. (2021). Felicidade: breves considerações. *Ciência Atual–Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José*, 17(2).
<https://revista.saojose.br/index.php/cafsj/article/view/519>
- Belo, R. P., Gouveia, V. V., da Silva Raymundo, J., & Marques, C. M. C. (2005). Value correlates of ambivalent sexism. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 18(1), 7
 DOI:0.1590/S0102-79722005000100003
- Bergh, J. (2006). Gender attitudes and modernization processes. *International Journal of Public Opinion Research*, 19, 5–23.
- Boyd A, Van De Velde S, Vilagut G, De Graaf R, O’Neill S, Florescu S, et al. (2015). Gender differences in mental disorders and suicidality in Europe: results from a large cross-sectional population-based study. *J Affect Disord*.173:245–54. Doi: 10.1016/j.jad.2014. 11.002
- Brakus, J. J., Chen, W., Schmitt, B., & Zarantonello, L. (2022). Experiences and happiness: The role of gender. *Psychology & Marketing*, 39(8), 1646-1659.
<https://doi.org/10.1002/mar.21677>
- Brenoe, Anne Ardila (2018). “Origins of gender norms: sibling gender composition and women’s choice of occupation and partner.” IZA DP No 11692.
- Bruschini, M. C. A., & Ricoldi, A. M. (2012). Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. *Revista Estudos Feministas*, 20(1), 259-284.
- Burn S. M., & Busso J. (2005). Ambivalent sexism, scriptural literalism, and religiosity. *Psychology of Women Quarterly* 29(4), 412–418.
- Cabrera, A. (2019). Desigualdades de género em ambiente universitário. *Faces de Eva: Revista de Estudos Sobre a Mulher*, (41), 47-66.
<http://hdl.handle.net/10362/135569>
- Campa, P., Casarico, A., and Profeta, P. (2011). Gender culture and gender gap in employment. *CESifo Economic Studies*, 57, 156–182.
- Carvalho, A. M., Neto, Tanure, B., & Andrade, J. (2010). Executivas: Carreira, Maternidade, Amores e Preconceitos. *RAE-eletrônica*, 9(1), 1-23.
- Cascella, C., & Pampaka, M. (2020). Attitudes towards gender roles in family: A Rasch-based validation study. *Journal of applied measurement*.

- Cassio Batista Jr, D. (2019). No que o gênero influencia minhas atitudes? Relação entre papéis de gênero e atitudes perante a homossexualidade. *Educação em Foco*, 388-404. <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2019.v23.26042>
- Chen X, Ge S (2018) Social norms and female labor force participation in urban China. *J Comp Econ* 46(4): 966–987.
- Clark A. E., Flèche S., Layard R., Powdthavee N., Ward G. (2018). *The Origins of Happiness: The Science of Well-Being Over the Life Course*. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press.
- Costa, C., Briguglio, G., Mondello, S., Teodoro, M., Pollicino, M., Canalella, A., ... & Fenga, C. (2021). Perceived Stress in a Gender Perspective: A Survey in a Population of Unemployed Subjects of Southern Italy. *Frontiers in Public Health*, 9, 640454. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.640454>
- Costa, P. A., Oliveira, R., Pereira, H., & Leal, I. (2015). Adaptação dos inventários de sexismo moderno para Portugal: o inventário de sexismo ambivalente e o inventário de ambivalência em relação aos homens. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 28, 126-135. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528114>
- Damasio, B. F., Pacico, J. C., Poletto, M., & Koller, S. H. (2013). Refinement and Psychometric Properties of the Eight-Item Brazilian Positive and Negative Affective Schedule for Children (PANAS-C8). *Journal of Happiness Studies*, 14(4), 1363-1378. <https://link.springer.com/article/10.1007/s10902-012-9383-x>
- De Smet P, Sans S, Dramaix M, Boulenguez C, De Backer G, Ferrario M, et al. (2005). Gender and regional differences in perceived job stress across Europe. *Eur J Public Health*. 15:536–45. Doi:10.1093/eurpub/cki028
- Dhar D, Jain T, Jayachandran S (2019) Intergenerational transmission of gender attitudes: evidence from India. *J Dev Stud* 55(12):2572–2592
- Diamond, L. M. (2020). Gender fluidity and nonbinary gender identities among children and adolescents. *Child Development Perspectives*, 14(2), 110–115. <https://doi.org/10.1111/cdep.12366>
- Dilli, S., Carmichael, S. G., and Rijpma, A. (2019). Introducing the Historical Gender Equality Index. *Feminist Economics*, 25, 31–57.
- Dluhosch, B. (2021). The gender gap in globalization and well-being. *Applied Research Quality Life*, 16, 351–378. <https://doi.org/10.1007/s11482-019-09769-2>
- Du, H., Xiao, Y., & Zhao, L. (2021). Education and gender role attitudes. *Journal of Population Economics*, 34(2), 475-513.

- Easteal, P., Holland, K., & Judd, K. (2015). Enduring themes and silences in media portrayals of violence against women. *Women's Studies International Forum*, 48, 103-113. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2014.10.015>
- Estevan-Reina, L., de Lemus, S., Megías, J. L., Kutlaca, M., Belmonte-García, M., & Becker, J. (2021). Allies against sexism: The impact of men's egalitarian versus paternalistic confrontation on women's empowerment and well-being. *Sex Roles*, 84, 536-553. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11199-020-01184-4>
- Farsen, T. C., Boehs, S. D. T. M., Ribeiro, A. D. S., de Paula Biavati, V., & Silva, N. (2018). Qualidade de vida, Bem-estar e Felicidade no Trabalho: sinônimos ou conceitos que se diferenciam?. *Interação em Psicologia*, 22(1). <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v22i1.48288>
- Farré, L., and Vella, F. (2013). The Intergenerational transmission of gender role attitudes and its implications for female labour force participation. *Economica*, 80, 219–247
- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em psicologia*, 12(2), 119-126.
- Figueiras, M., Cunha, P., & Simões, M. (2021). Bem-estar psicológico, autoestima e felicidade entre alunos do ensino superior em Portugal. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 22(1), 116-127. <http://dx.doi.org/10.15309/21psd220111>
- Flores Hernández, A. & Jiménez Montes, L. (2017). Socialización y sociabilidad de género en un escenario universitario altamente masculinizado. *Feminismo/s*, 29, 71-98, Doi: 10.14198/fem.2017.29.03
- Gallego-Morón, N. (2017). Más allá de las estadísticas: Invisibilización y negación de la discriminación de género en la Universidad. *Feminismo/s*, 29, 125-152. Doi: 10.14198/fem.2017.29.05
- Garaigordobil, M. (2013). Sexism and alexithymia: Correlations and differences as a function of gender, age, and educational level. *Anales de psicología*, 29(2), 368-377. <https://doi.org/10.6018/analesps.29.2.132261>
- Gawda, B., Szepietowska, E., Soluch, P., & Wolak, T. (2017). Valence of affective verbal fluency: fMRI studies on neural organization of emotional concepts joy and fear. *Journal of Psycholinguistic Research*, 46(3), 731–746.
- Geus, R., Ralph-Morrow, E., & Shorrocks, R. (2022). Understanding ambivalent sexism and its relationship with electoral choice in Britain. *British Journal of Political Science*, 52(4), 1564-1583. <https://doi.org/10.1017/S0007123421000612>

- Ghosh, A., Chopra, D. (2019). Paid work, unpaid care work and women's empowerment in Nepal. *Contemp. S. Asia* 27 (4), 471–485.
<https://doi.org/10.1080/09584935.2019.1687646>
- Ghosh, S., Vinod, D. (2017). What constrains financial inclusion for women? Evidence from Indian micro data. *World Dev.* 92 (April), 60–81.
<https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2016.11.011>
- Giuliano, Paola. 2017. Gender: an historical perspective. NBER Working Paper 23635.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2011). Ambivalent sexism revisited. *Psychology Of Women Quarterly*, 35(3), 530-535. <https://doi.org/10.1177/0361684311414832>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Education and Catholic religiosity as predictors of hostile and benevolent sexism toward women and men. *Sex Roles* 47, 433–441.
- Glick P et al. (2000) Beyond prejudice as simple antipathy: hostile and benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology* 79(5), 763–775.
- Gómez Cama, M., Larrán Jorge, M. & Peña, F. J. A. (2016). Gender differences between faculty members in higher education: A literature review of selected higher education journals. *Educational Research Review*, 18, 58-69.
<https://doi.org/10.1016/j.edurev.2016.03.001>
- Gonçalves, M. C., & Gonçalves, J. P. (2021). Gênero, identidade de gênero e orientação sexual: Conceitos e determinações de um contexto social. *Revista Ciências Humanas*, 14(1). <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a600>
- Hellmer K., Stenson J. T. & Jylhä K. M. (2018). What's (not) underpinning ambivalent sexism? Revisiting the roles of ideology, religiosity, personality, demographics, and men's facial hair in explaining hostile and benevolent sexism. *Personality and Individual Differences* 122, 29–37.
- Hammond, M. D., Milojev, P., Huang, Y., & Sibley, C. G. (2018). Benevolent sexism and hostile sexism across the ages. *Social Psychological and Personality Science*, 9(7), 863-874.
- Hammond, M. D., & Sibley, C. G. (2011). Why are benevolent sexists happier?. *Sex Roles*, 65(5), 332-343. DOI 10.1007/s11199-011-0017-2
<https://doi.org/10.1177/1948550617727588>

- Hansen CW, Jensen PS, Skovsgaard CV (2015). Modern gender roles and agricultural history: the Neolithic inheritance. *J Econ Growth* 4:365–404
- Hori, M., & Kamo, Y. (2018). Gender differences in happiness: The effects of marriage, social roles, and social support in East Asia. *Applied Research in Quality of Life*, 13, 839-857. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11482-017-9559-y>
- Hwang J (2016). Housewife, “gold miss,” and equal: the evolution of educated women’s role in Asia and the U.S. *J Popul Econ* 29(2):529–570.
- Kabir, M.S., Marković, M.R., Radulović, D. (2019). The determinants of income of rural women in Bangladesh. *Sustainability* 11 (20), 5842. <https://doi.org/10.3390/su11205842>
- Kantor F., Kruijssen, P. F., (2014). Informal Fish Retailing in Rural Egypt: Opportunities to Enhance Income and Work Conditions for Women and Men. WorldFish, Penang, Malaysia.
- Kosec, K., Mo, C.H., Schmidt, E., Song, J., (2021). Perceptions of relative deprivation and women’s empowerment. *World Dev.* 138, 105218. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2020.105218>
- Lawson, M. A., Martin, A. E., Huda, I., & Matz, S. C. (2022). Hiring women into senior leadership positions is associated with a reduction in gender stereotypes in organizational language. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 119(9), e2026443119. <https://doi.org/10.1073/pnas.2026443119>
- Lima, M. G.; Barros, M. B. A.; Alves, M. C. G. P. (2012). Sentimento de felicidade em idosos: uma abordagem epidemiológica, ISA-Camp 2008. *Cad. Saúde Pública, São Paulo (SP)*, v. 28, n. 2, p. 2280-2292. https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v28n12/07.pdf
- Lindqvist, A., Sendén, M. G., & Renström, E. A. (2021). What is gender, anyway: a review of the options for operationalising gender. *Psychology & sexuality*, 12(4), 332-344. <https://doi.org/10.1080/19419899.2020.1729844>
- Lo, H. H. M. (2021). Quality of life among adolescents in Hong Kong: General and gender-specific effects of self-efficacy and mindfulness. *Applied Research in Quality of Life*, 16(6), 2311-2334. <https://doi.org/10.1007/s11482-021-09914-w>
- Lyubomirsky, S., King, L.A., & Diener, E. (2000). The benefits of frequent positive affect: Does happiness lead to success? *Psychological Bulletin*, 131, 803–855.

- Machado, R. S. B. (2016). Representações sociais da violência entre parceiros íntimos e atitudes perante os papéis de género numa amostra de estudantes do ensino superior (Doctoral dissertation, 00500: Universidade de Coimbra).
<http://hdl.handle.net/10316/35416>
- Matud, M. P., Bethencourt, J. M., Ibáñez, I., Fortes, D., & Díaz, A. (2022). Gender differences in psychological well-being in emerging adulthood. *Applied Research in Quality of Life*, 17(2), 1001-1017.
<https://doi.org/10.1007/s11482-021-09943-5>
- Matud, M. P., López-Curbelo, M., & Fortes, D. (2019). Gender and psychological well-being. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(19), Article 3531. <https://doi.org/10.3390/ijerph16193531>.
- Meinzen-Dick, R., Rubin, D., Elias, M., Mulema, A.A., Myers, E., (2019). Women's Empowerment in Agriculture: Lessons from Qualitative Research. International Food Policy Research Institute, Washington, DC. IFPRI Discussion Paper 1797.
- Meira, D., & Martinho, A. L. (2019). Igualdade de género e governação cooperativa em Portugal-uma análise jurídica e fática. *Deusto Estudos Cooperativos*, (12), 57-77. <https://doi.org/10.18543/dec-12-2019pp57-77>
- Mencarini, L., & Sironi, M. (2012). Happiness, housework and gender inequality in Europe. *European Sociological Review*, 28(2), 203-219.
<https://doi.org/10.1177/1054773804271936>
- Montgomery, M. (2022). Reversing the gender gap in happiness. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 196, 65-78.
<https://doi.org/10.1016/j.jebo.2022.01.006>
- Napier, J. L., Thorisdottir, H., & Jost, J. T. (2010). The joy of sexism? A multinational investigation of hostile and benevolent justifications for gender inequality and their relations to subjective well-being. *Sex Roles*, 62(7-8), 405-419.
- Navarro-Astor, E., Guardiola-Víllora, A. & Basset-Salom, L. (2017). El profesorado de la Universitat Politècnica de València desde la perspectiva de género. *Feminismo/s*, 29, 243-277. Doi: 10.14198/fem.2017.29.10
- Neto, M. N. F., de Carvalho Castro, J. L., & de Araújo Pitombeira, R. T. (2021). Medindo atitudes sexistas ambivalentes em relação às mulheres em instituições de ensino superior. *Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade*, 14(1), 89-96 <https://doi.org/10.14571/brajets.v14.n1.89-96>

- Njuki, J., Eissler, S., Malapit, H., Meinzen-Dick, R., Bryan, E., & Quisumbing, A. (2022). A review of evidence on gender equality, women's empowerment, and food systems. *Global Food Security*, 33, 100622. <https://doi.org/10.1016/j.gfs.2022.100622>
- Novo, M., Herbón, J., & Amado, B. G. (2016). Género y victimización: Efectos en la evaluación de la violencia psicológica sutil y manifiesta, apego adulto y tácticas de resolución de conflictos. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 7(2), 89–97. <https://doi.org/10.1016/j.riips.2016.05.002>
- Oishi, A. S., Chan, R. K. H., Wang, L. L., & Kim, J. (2015). Do part-time jobs mitigate workers' work-family conflict and enhance wellbeing? New evidence from four east-Asian societies. *Social Indicators Research*, 121, 5–25. <https://doi.org/10.1007/s11205-014-0624-8>
- Oliveira Ferreira, M. B., Nogueira, V. M. M., Trindade, P. S. R. L., & Lourenço, L. M. (2022). Sexismo ambivalente relacionado à violência por parceiros íntimos: uma revisão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 74(1). <http://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP-2022v74.19545>
- Pais-Ribeiro, J. L. (2012). Validação transcultural da escala de felicidade subjetiva de Lyubomirsky e Lepper. *Psicologia, saúde e doenças*, 13(2), 157-168. <https://www.redalyc.org/pdf/362/36225171003.pdf>
- Pallant, J. (2007) *SPSS Survival Manual: A Step by Step Guide to Data Analysis Using SPSS for Windows* (3rd ed.). McGraw Hill Open University Press.
- Paschoal, T., Torres, C. V., & Porto, J. B. (2010). Felicidade no trabalho: Relações com suporte organizacional e suporte social. *Revista de Administração Contemporânea - RAC*, 14(6), 1054-1072. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552010000700005>.
- Picchioni, F., Zanello, G., Srinivasan, C.S., Wyatt, A.J., Webb, P. (2020). Gender, time-use, and energy expenditures in rural communities in India and Nepal. *World Dev.* 136 (December), 105137. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2020.105137>
- Piscitelli, A. (2009). Gênero: a história de um conceito. In: Almeida, H. B. & Szwako, J. (Org.). *Diferenças, igualdade*. (pp.116-150). Campinas: *Berlendis*.
- Portella, M. R., de Moura Scortegagna, H., Pichler, N. A., & Graeff, D. B. (2017). Felicidade e satisfação com a vida: voz de mulheres adultas e idosas. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 14(1). <https://doi.org/10.5335/rbceh.v14i1.5960>

- Portugal, F. T., & Jacó-Vilela, A. M. (2012). Fazendo gênero na história da Psicologia. In F. T. Portugal & A. M. Jacó-Vilela (Orgs.), *Clio-Psyché: gênero, psicologia, história* (pp.13-18).
- Preece, S., & Bullingham, R. (2022). Gender stereotypes: The impact upon perceived roles and practice of in-service teachers in physical education. *Sport, Education and Society*, 27(3), 259-271.
<https://doi.org/10.1080/13573322.2020.1848813>
- Rádio ONU (2016). ONU celebra primeiro Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência. Recuperado de: [www.unmultimedia.org/radio-portuguese/2016/02/onu-celebra-primeiro-dia-internacional-das-mulheres--emeninas-na-ciencia/](http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2016/02/onu-celebra-primeiro-dia-internacional-das-mulheres--emeninas-na-ciencia/)
- Rao, N., Gazdar, H., Chanchani, D., Ibrahim, M., (2019). Women’s agricultural work and nutrition in South Asia: from pathways to a cross-disciplinary, grounded analytical framework. *Food Policy, Special Issue: Leveraging Agriculture for Nutrition in South Asia* 82 (January), 50–62.
<https://doi.org/10.1016/j.foodpol.2018.10.014>
- Rice, L., and Barth, J. M. (2017). A Tale of Two Gender Roles: The Effects of Implicit and Explicit Gender Role Traditionalism and Occupational Stereotype on Hiring Decisions. *Gender Issues*, 34, 86–102.
- Rufino, V. M., Torres, T. D. L., & Zambroni-de-Souza, P. C. (2019). Gênero e trabalho na psicologia: revisão sistemática e metanálise qualitativa. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 19(2), 588-597.
<http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2019.2.15124>
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141–166. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.141>.
- Santos do Amparo, G. A., & Bertino Moreira, J. (2021). A diplomacia não tem rosto de mulher: o Itamaraty e a desigualdade de gênero. *Meridiano 47-Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais*, 22.
- Schaffner B.F., Macwilliams M. & Nteta T. (2018). Understanding white polarization in the 2016 vote for president: the sobering role of racism and sexism. *Political Science Quarterly* 133(1), 9–34.
- Scott, J. W., & Urso, G. S. (2021). Gênero. albuquerque: *revista de história*, 13(26), 177-186. <https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.14704>

- Serrão, C., & Formiga, N. S. (2013). Análise estrutural do inventário do sexismo ambivalente em estudantes portugueses do ensino superior. *Encontro: Revista de Psicologia*, 16(24), 9-21. <https://revista.pgsskroton.com/renc/article/view/2451>
- Serrão, C., Martins, T., Cardoso, M., Botelho, S., Moreira, R., & Cadima, J. (2012). Sexismo ambivalente, atitudes perante os papéis de género e estratégias de antecipação da conciliação entre vida familiar e vida profissional. <http://hdl.handle.net/10400.22/8613>
- Sousa, L. P., & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139.
- Sraboni, E., Quisumbing, A. (2018). Women's empowerment in agriculture and dietary quality across the life course: evidence from Bangladesh. *Food Pol.* 81, 21–36. <https://doi.org/10.1016/j.foodpol.2018.09.001>
- Stephoe, A. (2019). Happiness and health. *Annu Rev Public Health*, 40(1), 339-359. <https://doi.org/10.1146/annurev-publhealth-040218-044150>
- Stevenson, B., & Wolfers, J. (2009). The paradox of declining female happiness. *American Economic Journal: Economic Policy*, 1, 190-225. <https://doi.org/10.1257/pol.1.2.190>
- Strey, M. N. (2008). Género. In M da G. C. Jacques, M. N. Strey, N. M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, Carlos, S. A. & T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia Social Contemporânea* (11a ed.) (pp. 181-198). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sweeting, H., Bhaskar, A., Benzeval, M., Popham, F., and Hunt, K. (2014). Changing gender roles and attitudes and their implications for well-being around the new millennium. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 49, 791–809.
- Tanzer, J. R., & Weyandt, L. (2020). Imaging happiness: Meta analysis and review. *Journal of Happiness Studies*, 21(7), 2693-2734. <https://doi.org/10.1007/s10902-019-00195-7>
- Treas, J., van der Lippe, T., & Tai, T. C. (2011). The happy homemaker? Married women's well-being in cross-national perspective. *Social Forces*, 90, 111-132.
- Uchida, Y., & Oishi, S. (2016). The happiness of individuals and the collective. *Japanese Psychological Research*, 58(1), 125-141. <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/21539/1/2006%20Estudos%20psicometricos%20do%20WHOQOL-Bref.pdf>
- Vieira, C. (2006). *Educação Familiar. Estratégias para a Promoção da Igualdade de Género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

- Veenhoven, R. (1991) Is happiness relative? *Social Indicators Research*, vol. 24, pp. 1-34.
- Vilela, N. G. S., Hanashiro, D. M. M., & Costa, L. D. S. (2020). (Des) igualdade de gênero no local de trabalho e práticas de recursos humanos. *Revista Alcance*, 27(3), 382-398.
[https://doi.org/10.14210/alcance.v27n3\(Set/Dez\).p382-398](https://doi.org/10.14210/alcance.v27n3(Set/Dez).p382-398)
- Yamawaki, N. (2007). Rape perception and the function of ambivalent sexism and gender-role traditionality. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(4), 406-423
<https://doi.org/10.1177/0886260506297210>
- Walter, J. G. (2018). Measures of gender role attitudes under revision: The example of the German General Social Survey. *Social Science Research*, 72, 170–182.
- Wall, K., & Amâncio, L. (2007). *Família e Género em Portugal e na Europa*. Imprensa de Ciências Sociais.
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28234/1/ICs_KWall_LAmancio_Familia_LEN.pdf
- Wemakor, A., Mensah, K.A. (2016). Association between maternal depression and child stunting in northern Ghana: a cross-sectional study. *BMC Publ. Health* 16 (1), 869. <https://www.scopus.com/home.uri>
- Wood, W., & Eagly, A. H. (2012). Biosocial Construction of Sex Differences and Similarities in Behavior. *Advances in Experimental Social Psychology*, 46, 55-123.
- World Health Organization (2018). Mental health: strengthening our response.
<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>
- Zhang YJ (2019). Culture, institutions, and the gender gap in competitive inclination: evidence from the communist experiment in China. *Economic Journal* 129:509–552.

Anexos

Anexo A - Questionário Sociodemográfico
Questionário Sociodemográfico

1. **Idade:** _____ anos

2. **Género:** _____

3. Estado Civil:

- Solteiro(a)
- Casado(a)
- União de Facto
- Divorciado(a)
- Separado(a)
- Viúvo (a)

4. Habilitações Literárias:

- Ensino primário
- Ensino básico
- Ensino secundário
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

5. Situação Laboral:

- Empregado/a na empresa atual à menos de 1 ano
- Empregado/a na empresa atual de 1 a 5 anos
- Empregado/a na empresa atual à mais de 5 anos
- Desempregado/a
- Outro

6. Relativamente a questões religiosas considera-se:

- Ateu/ateia (Não acredita em nenhum Deus)
- Agnóstico/a (Não sabe se existe Deus)
-
-
-

Católico/a praticante

Católico/a não praticante

Outra religião Qual? _____

7. No que diz respeito à sua orientação política considera-se de:

- Direita
- Centro-Direita
- Centro-Esquerda
- Esquerda
- Outra

8. No que diz respeito à sua orientação sexual:

- Heterossexual
- Bissexual
- Homossexual
- Assexual
- Pansexual
- Outro

Obrigada pelas suas respostas!

Anexo B – Consentimento informado

Consentimento informado

Título do projeto: Relação entre a felicidade, as atitudes perante os papéis de género e o sexismo ambivalente

Investigadora: Letícia Diana da Costa Oliveira; Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional de Braga.

Docente orientadora: Prof.a Dra. Armanda Gonçalves (agoncalves@ucp.pt)

Objetivo de estudo

O presente estudo tem como principal objetivo descrever/analisar a relação entre a felicidade, as atitudes perante os papéis de género e o sexismo ambivalente população portuguesa adulta.

Desenrolar do estudo

A participação no presente estudo é significativa, uma vez que através desta será possível obter várias informações no que diz respeito à relação da felicidade com a perceção das atitudes perante os papéis de género e com a perceção do sexismo ambivalente na população adulta portuguesa assim como perceber como é que estas variáveis relacionam-se entre si.

Se aceitar colaborar neste estudo será colocado um questionário sociodemográfico, criado para este estudo, Escala de Felicidade Subjetiva (Pais-Ribeiro, 2012); III) Escala de Atitudes Pacificas relativamente ao Género (Andrade, 2006); e IV) Inventário de Sexismo Ambivalente (Serrão e colaboradores 2011).

Potenciais vantagens

Este estudo mostra-se indiretamente benéfico para os participantes uma vez que poderá ser útil para a promoção de um maior conhecimento nesta área favorecendo, assim, uma melhor intervenção futura.

Potenciais riscos

A participação neste estudo não apresenta quaisquer potenciais riscos para os participantes.

Não participação

A sua participação neste estudo é voluntária. Sendo de caráter facultativo não há qualquer tipo de complicação se não participar do mesmo ou se pretender desistir.

Liberdade de participação

A sua participação no estudo é livre e voluntária. Qualquer novo conhecimento suscetível de colocar em questão a sua participação ser-lhe-á comunicado. O consentimento pode ser retirado a qualquer momento.

Caráter confidencial

Qualquer informação obtida durante o estudo será guardada confidencialmente. É garantido o anonimato dos resultados obtidos. Para fins de verificação de gestão da investigação, é possível que a orientadora da investigação consulte os dados de investigação.

Responsabilidades do investigador

Ao assinar este formulário de consentimento, não renuncia a nenhum dos seus direitos previsto pela lei. Além disso, os investigadores e o comanditário têm responsabilidades legais e profissionais caso ocorra alguma situação que lhe cause prejuízo.

Assinatura do investigador: _____ Data: _____

Consentimento informado

Título do projeto: Relação entre a felicidade, as atitudes perante os papéis de género e o sexismo ambivalente.

Investigadora: Letícia Diana da Costa Oliveira; Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional de Braga.

Docente orientadora: Prof.a Dra. Armanda Gonçalves (agoncalves@ucp.pt)

Eu _____ reconheço que o processo de investigação descrito no formulário aqui junto, de que possuo uma cópia, me foi explicado e que me responderam a todas as minhas questões para minha satisfação. Eu compreendo a natureza e as vantagens de minha participação na entrevista, assim como os inconvenientes e os riscos potenciais. Eu sei que posso colocar, agora ou mais tarde, questões sobre o estudo ou o processo de investigação. Asseguraram-me que os meus dados serão guardados confidencialmente.

Eu compreendo que sou livre de me retirar do estudo a qualquer momento sem que a qualidade dos meus cuidados seja, em caso algum, afetada.

Pelo presente, eu consinto livremente a minha participação no estudo.

assinatura (participante) data

assinatura (investigador) data

Se tiver questões, pode comunicar por telefone com Letícia Oliveira no 933691484 ou através do email s-ldcoliveira@ucp.pt